

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

DEZEMBRO DE 1862

Nº 12

## Estudos sobre os Possessos de Morzine

CAUSAS DA OBSESSÃO E MEIOS DE COMBATÊ-LA

As observações que fizemos sobre a epidemia que se abateu e ainda investe sobre a comuna de Morzine, na Alta Sabóia, não nos deixam dúvidas quanto à sua causa. Mas, para apoiar nossa opinião, devemos entrar em algumas explicações preliminares, que melhor ressaltarão a analogia desse mal com casos semelhantes, cuja origem não poderia ensejar dúvida a quem esteja familiarizado com os fenômenos espíritas e reconheça a ação do mundo invisível sobre a Humanidade. Para tanto se faz necessário remontar à própria fonte do fenômeno e seguir-lhe a gradação, desde os casos mais simples, explicando, ao mesmo tempo, a maneira pela qual se processa. Daí deduziremos muito melhor os meios de combater o mal. Embora já tenhamos tratado do assunto em *O Livro dos Médiuns*, no capítulo da obsessão, e em vários artigos desta *Revista*, acrescentaremos algumas considerações novas, que tornarão a coisa mais fácil de compreender.

O primeiro ponto que importa nos compenetrarmos, é da natureza dos Espíritos, do ponto de vista moral. Não sendo os

Espíritos senão as almas dos homens, e não sendo bons todos os homens, não é racional admitir-se que o Espírito de um homem perverso se transforme subitamente; caso contrário não haveria necessidade de castigo na vida futura. A experiência vem confirmar a teoria ou, melhor dizendo, esta teoria é fruto da experiência. De fato, as relações com o mundo invisível nos mostram, ao lado de Espíritos sublimes em sabedoria e conhecimento, outros ignóbeis, ainda com todos os vícios e paixões da Humanidade. Depois da morte, a alma de um homem de bem será um Espírito bom. Do mesmo modo, encarnando-se, um Espírito bom será um homem de bem. Pela mesma razão, ao morrer, um homem perverso dará um Espírito perverso ao mundo invisível; e um Espírito mau, ao se encarnar, não pode transformar-se num homem virtuoso, pelo menos enquanto o Espírito não se houver depurado ou experimentado o desejo de melhorar-se. Porque, uma vez entrado na via do progresso, pouco a pouco se despoja de seus maus instintos; eleva-se gradualmente na hierarquia dos Espíritos, até atingir a perfeição, acessível a todos, porquanto não pode Deus ter criado seres eternamente votados ao mal e à infelicidade. Assim, os mundos visível e invisível se interpenetram e se alternam incessantemente, se assim nos podemos exprimir, e se alimentam mutuamente; ou, melhor dizendo, na realidade esses dois mundos não constituem senão um só, em dois estados diferentes. Esta consideração é muito importante para melhor compreender-se a solidariedade que existe entre eles.

Sendo a Terra um mundo inferior, isto é, pouco adiantado, resulta que a maioria dos Espíritos que o povoam, quer no estado errante, quer como encarnados, deve compor-se de Espíritos imperfeitos, que fazem mais mal que bem. Daí a predominância do mal na Terra. Ora, sendo a Terra, ao mesmo tempo, um mundo de expiação, é o contato do mal que torna infelizes os homens, pois se todos os homens fossem bons, todos seriam felizes. É um estado a que ainda não alcançou nosso globo, e é para tal estado que Deus quer conduzi-lo. Todas as tribulações

que os homens de bem aqui experimentam, tanto da parte dos homens, quanto da dos Espíritos, são conseqüências deste estado de inferioridade. Poder-se-ia dizer que a Terra é a *Botany-Bay* dos mundos: aí se encontram a selvageria primitiva e a civilização, a criminalidade e a expiação.

É preciso, pois, apresentar-se o mundo invisível como formando uma população inumerável, compacta, por assim dizer, que envolve a Terra e se agita no espaço. É uma espécie de atmosfera moral, da qual os Espíritos encarnados ocupam a parte inferior, onde se agitam como num vaso. Ora, do mesmo modo que o ar das partes baixas é pesado e insalubre, esse ar moral é também prejudicial, porque corrompido pelos miasmas dos Espíritos impuros. Para resistir a isso são necessários temperamentos morais dotados de grande vigor.

Digamos, entre parênteses, que tal estado de coisas é inerente aos mundos inferiores. Mas estes seguem a lei do progresso e, quando atingirem a idade requerida, Deus os purifica, deles expulsando os Espíritos imperfeitos, que aí não mais se reencarnam e são substituídos por outros mais adiantados, que farão reinar a felicidade, a justiça e a paz. No momento se prepara uma revolução desse gênero.

Examinemos, agora, o modo recíproco de ação dos Espíritos encarnados e desencarnados.

Sabemos que os Espíritos são revestidos de um envoltório vaporoso, formando para eles um verdadeiro corpo fluídico, ao qual damos o nome de *perispírito*, e cujos elementos são colhidos do fluido universal ou cósmico, princípio de todas as coisas. Quando o Espírito se une a um corpo, aí vive com seu perispírito, que serve de ligação entre o Espírito propriamente dito e a matéria corporal; é o intermediário das sensações percebidas pelo Espírito. Mas o perispírito não está confinado no corpo, como

numa caixa; por sua natureza fluídica, ele irradia para o exterior e forma em torno do corpo uma espécie de atmosfera, como o vapor que dele se desprende. Mas o vapor liberado de um corpo enfermo é igualmente insalubre, acre e nauseabundo, o que infecta o ar dos lugares onde se reúnem muitas pessoas doentes. Assim como esse vapor é impregnado das qualidades do corpo, o perispírito é impregnado de qualidades, isto é, do pensamento do Espírito, e irradia tais qualidades em torno do corpo.

Aqui um outro parêntese para responder imediatamente a uma objeção oposta por alguns à teoria dada pelo Espiritismo do estado da alma. Acusam-no de materializar a alma, ao passo que, conforme a religião, a alma é puramente imaterial. Como a maior parte das outras, esta objeção provém de um estudo incompleto e superficial. O Espiritismo jamais definiu a natureza da alma, que escapa às nossas investigações; não diz que o perispírito constitui a alma: a palavra *perispírito* diz positivamente o contrário, pois especifica um envoltório em torno do Espírito. Que diz a respeito *O Livro dos Espíritos*? “Há no homem três coisas: a *alma*, ou Espírito, princípio inteligente; o *corpo*, envoltório material; o *perispírito*, envoltório fluídico semimaterial, servindo de laço entre o Espírito e o corpo.”<sup>57</sup> Do fato de a alma conservar, com a morte do corpo, o seu envoltório fluídico, não significa que tal envoltório e a alma sejam uma só e mesma coisa, do mesmo modo que o corpo não se confunde com a roupa nem a alma com o corpo. A Doutrina Espírita nada tira à imaterialidade da alma, apenas lhe dá dois invólucros, em vez de um, na vida corpórea, e só um depois da morte do corpo, o que é, não uma hipótese, mas o resultado da observação; é com o auxílio desse envoltório que melhor se compreende a sua individualidade e melhor se explica a sua ação sobre a matéria.

Voltemos ao nosso assunto.

57 N. do T.: Vide comentário de Allan Kardec à questão 135 “a” de *O Livro dos Espíritos*.

Por sua natureza fluídica, essencialmente móvel e elástica, se assim nos podemos exprimir, como agente direto do Espírito, o perispírito é posto em ação e projeta raios pela vontade do Espírito. Por esses raios ele serve à transmissão do pensamento, porque, de certa forma, está animado pelo pensamento do Espírito. Sendo o perispírito o laço que une o Espírito ao corpo, é por seu intermédio que o Espírito transmite aos órgãos, não a vida *vegetativa*, mas os movimentos que exprimem a sua vontade; é, também, por seu intermédio que as sensações do corpo são transmitidas ao Espírito. Destruído o corpo sólido pela morte, o Espírito não age mais e não percebe senão pelo seu corpo fluídico, ou perispírito, razão por que age mais facilmente e percebe melhor, já que o corpo é um entrave. Tudo isto é ainda resultado da observação.

Suponhamos agora duas pessoas próximas, cada qual envolvida – que nos permitam o neologismo – por sua atmosfera *perispiritual*. Esses dois fluidos põem-se em contato e se interpenetram; se forem de natureza antipática, repelem-se e os dois indivíduos sentirão uma espécie de mal-estar ao se aproximarem um do outro, sem disso se darem conta; se, ao contrário, forem movidos por sentimentos de benevolência, terão um pensamento benevolente, que atrai. Tal a causa pela qual duas pessoas se compreendem e se adivinham sem se falarem. Um certo *não sei quê* por vezes nos diz que a pessoa com a qual nos defrontamos deve ser animada por tal ou qual sentimento. Ora, esse *não sei quê* é a expansão do fluido perispiritual da pessoa em contato com o nosso, espécie de fio elétrico condutor do pensamento. Desde logo se compreende que os Espíritos, cujo envoltório fluídico é muito mais livre do que no estado de encarnação, já não necessitam de sons articulados para se entenderem.

O fluido perispiritual do encarnado é, pois, acionado pelo Espírito. Se, por sua vontade, o Espírito, por assim dizer,

dardeja raios sobre outro indivíduo, os raios o penetram. Daí a ação magnética mais ou menos poderosa, conforme a vontade; mais ou menos benfazeja, conforme sejam os raios de natureza melhor ou pior, mais ou menos vivificante. Porque podem, por sua ação, penetrar os órgãos e, em certos casos, restabelecer o estado normal. Sabe-se da importância das qualidades morais do magnetizador.

Aquilo que pode fazer o Espírito encarnado, dardejando seu próprio fluido sobre uma pessoa, um Espírito desencarnado também o pode, visto ter o mesmo fluido, ou seja, pode magnetizar. Conforme seja bom ou mau o fluido, sua ação será benéfica ou prejudicial.

Assim, facilmente nos damos conta da natureza das impressões que recebemos, de acordo com o meio onde nos encontramos. Se uma assembléia for composta de pessoas animadas de maus sentimentos, o ar ambiente será saturado com o fluido impregnado de seus sentimentos. Daí, para as almas boas, um mal-estar moral análogo ao mal-estar físico causado pelas emanções mefíticas: *a alma fica asfíxiada*. Se, ao contrário, as pessoas tiverem intenções puras, encontramos-nos em sua atmosfera como se estivéssemos num ar vivificante e salubre. Naturalmente o efeito será o mesmo num ambiente repleto de Espíritos, conforme sejam bons ou maus.

Isto bem compreendido, chegamos sem dificuldade à ação material dos Espíritos errantes sobre os encarnados e, daí, à explicação da mediunidade.

Quando um Espírito quer agir sobre uma pessoa, dela se aproxima e a envolve, por assim dizer, com o seu perispírito, como num manto; os fluidos se interpenetram, os dois pensamentos e as duas vontades se confundem e, então, o Espírito pode servir-se daquele corpo como se fora o seu próprio, fazê-lo agir à sua vontade, falar, escrever, desenhar, etc. Tais são os

médiuns. Se o Espírito for bom, sua ação será suave, benéfica, e só fará boas coisas; caso seja mau, fará maldades; se for perverso e mau, ele o constringe como se o imobilizasse numa camisa-de-força, até paralisar a vontade e a própria razão, que abafa com seus fluidos, como se apaga o fogo sob um lençol d'água. Faz com que pense, fale e aja por ele, induzindo-o contra a vontade a praticar atos extravagantes ou ridículos; numa palavra, magnetiza-o e o faz entrar numa espécie de catalepsia moral, de modo que o indivíduo se torna um instrumento cego de sua vontade. Tal é a causa da obsessão, da fascinação e da subjugação, que se apresentam em diversos graus de intensidade. O paroxismo da subjugação é vulgarmente chamado *possessão*. É de notar-se que, neste estado, muitas vezes o indivíduo tem consciência do ridículo daquilo que faz, mas é constringido a fazê-lo, como se um homem mais vigoroso que ele fizesse com que movesse, contra a vontade, os braços, as pernas, a língua. Eis um curioso exemplo.

Numa pequena reunião em Bordeaux, em meio a uma evocação, o médium, um jovem de caráter suave e de perfeita urbanidade, de repente começa a bater na mesa, levanta-se com olhar ameaçador, mostrando os punhos aos assistentes, proferindo as mais grosseiras injúrias e querendo atirar-lhes um tinteiro. A cena, tanto mais chocante quanto inesperada, durou cerca de dez minutos, depois do que o moço retomou sua calma habitual, desculpou-se do que se havia passado, dizendo saber perfeitamente que fizera e dissera coisas inconvenientes, mas que não pudera impedir. Tomando conhecimento do fato, pedimos explicação numa sessão da Sociedade de Paris, sendo-nos respondido que o Espírito que o havia provocado era mais leviano do que mau e que simplesmente quisera divertir-se com o pavor dos assistentes. O fato não mais se repetiu e o médium continuou a receber excelentes comunicações, o que vem provar a veracidade da explicação. É bom dizer o que provavelmente tenha excitado a verve daquele Espírito farsista. Um antigo maestro do teatro de Bordeaux, o Sr. Beck, tinha experimentado, durante vários anos antes de morrer,

um fenômeno singular. Todas as noites, ao sair do teatro, parecia-lhe que um homem lhe saltava às costas, escarranchava-se nas suas espáduas e se mantinha agarrado até que chegasse à porta de sua casa. Aí o suposto indivíduo descia e o Sr. Beck se via livre. Nessa reunião quiseram evocar o Sr. Beck e pedir-lhe uma explicação. Foi então que o Espírito intrujão julgou por bem substituí-lo, fazendo o médium representar uma cena diabólica, certamente por nele ter encontrado as necessárias disposições fluídicas para o secundar.

O que não passou de acidental naquela circunstância, por vezes toma um caráter permanente, quando o Espírito é mau, porque para ele o indivíduo se torna uma verdadeira vítima, à qual ele pode dar a aparência de verdadeira loucura. Dizemos aparência, porquanto a loucura propriamente dita sempre resulta de uma alteração dos órgãos cerebrais, ao passo que, neste caso, os órgãos estão de tal modo intactos quanto os do rapaz de quem acabamos de falar. Não há, pois, loucura real, mas aparente, contra a qual os recursos da terapêutica são impotentes, como o prova a experiência. Ainda mais: eles podem produzir o que não existe. As casas de alienados contam muitos doentes desse gênero, aos quais o contato com outros alienados só poderá ser muito prejudicial, porque este estado denota sempre uma certa fraqueza moral. Ao lado de todas as variedades de loucura patológica, convém, pois, acrescentar a *loucura obsessiva*, que requer meios especiais. Mas como poderá um médico materialista estabelecer essa diferença, ou mesmo admiti-la?

Bravo! – irão exclamar os nossos adversários. Não se pode demonstrar melhor os perigos do Espiritismo e temos muita razão de proibi-lo.

Um instante! O que dissemos prova precisamente a sua utilidade.

Credes que os Espíritos maus, que pululam no meio da Humanidade, esperaram ser chamados para exercerem sua

influência perniciosa? Desde que os Espíritos existiram em todos os tempos, em todos os tempos representaram o mesmo papel, porque esse papel está na Natureza; e a prova disso está no grande número de pessoas obsidiadas, ou possesadas, se quiserdes, antes que se pensasse nos Espíritos ou, atualmente, sem que jamais se tivesse ouvido falar de Espiritismo e de médiuns. A ação dos Espíritos, bons ou maus, é, pois, espontânea; a dos maus produz uma porção de perturbações na economia moral e mesmo física que, por ignorância da verdadeira causa, são atribuídas a causas erradas. Os Espíritos maus são inimigos invisíveis tanto mais perigosos quanto não se suspeitava de sua ação. Pondo-os a descoberto, o Espiritismo vem revelar uma nova causa de certos males da Humanidade. Conhecida a causa, não se buscará mais combater o mal por meios que, doravante, sabemos inúteis; procurar-se-ão outros mais eficazes. Ora, o que levou à descoberta desta causa? A mediunidade. Foi pela mediunidade que esses inimigos ocultos traíram sua presença; ela fez para ela o que fez o microscópio para os infinitamente pequenos: revelou todo um mundo. O Espiritismo não atraiu os Espíritos maus; ele os revelou e forneceu os meios de lhes paralisar a ação e, conseqüentemente, de os afastar. Não trouxe, pois, o mal, pois este sempre existiu; ao contrário, trouxe o remédio ao mal, mostrando-lhe as causas. Uma vez reconhecida a ação do mundo invisível, ter-se-á a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos e a Ciência, enriquecida com esta nova lei, verá desdobrarem-se novos horizontes à sua frente. Quando lá chegará? Quando não mais professar o materialismo, pois o materialismo detém o seu avanço e lhe opõe uma barreira intransponível.

Antes de falar do remédio, expliquemos um fato que confunde muitos espíritas, sobretudo nos casos de obsessão simples, isto é, naqueles muito freqüentes, em que o médium não se pode desembaraçar de um Espírito mau, que por ele se comunica obstinadamente, pela escrita ou pela audição; aquele, não menos freqüente, em que, por meio de uma boa comunicação, vem

um Espírito imiscuir-se para dizer coisas más. Pergunta-se, então, se os Espíritos maus são mais poderosos que os bons.

Reportemo-nos ao que dissemos inicialmente, quanto à maneira por que age o Espírito e imaginemos um médium envolvido e penetrado pelo fluido perispiritual de um Espírito mau. Para que o do bom possa atuar sobre o médium, é necessário que penetre esse envoltório e já se sabe que dificilmente a luz penetra um nevoeiro espesso. Conforme o grau da obsessão, o nevoeiro será permanente, tenaz ou intermitente e, por conseguinte, mais ou menos fácil de dissipar.

O Sr. Superchi, nosso correspondente em Parma, enviou-nos dois desenhos feitos por um médium vidente, representando perfeitamente a situação. Num deles vê-se a mão do médium envolta numa nuvem escura – imagem do fluido perispiritual dos Espíritos maus – atravessada por um raio luminoso que lhe clareava a mão; é o bom fluido que a dirige e se opõe à ação do mau. No outro, a mão está na sombra; a luz está em volta do nevoeiro, que não pode penetrar. Aquilo que o desenho restringe à mão do médium deve ser entendido como envolvendo todo o seu corpo.

Resta sempre a questão de saber se o Espírito bom é menos poderoso que o mau. Não é o Espírito bom que é mais fraco e, sim, o médium, que não é bastante forte para livrar-se do manto que sobre si foi lançado e se desembaraçar da opressão dos braços que o enlaçam, nos quais, é bom que se diga, por vezes se compraz. Compreende-se que, neste caso, o Espírito bom não possa triunfar, pois o outro é preferido. Admitamos, agora, o desejo de desvencilhar-se desse envoltório fluídico, de que o seu se acha penetrado, como uma roupa penetrada de umidade: não bastará o desejo e nem sempre a vontade é suficiente.

Trata-se de lutar contra um adversário. Ora, quando dois homens lutam corpo a corpo, é o de músculos mais fortes que

vencerá o outro. Com um Espírito deve-se lutar, não corpo a corpo, mas de Espírito a Espírito; e é ainda o mais forte que vencerá. Aqui a força está na *autoridade* que se pode exercer sobre o Espírito e tal autoridade está subordinada à superioridade moral. Esta é como o Sol: dissipa o nevoeiro pela força de seus raios. Esforçar-se por ser bom; tornar-se melhor se já se é bom; purificar-se de suas imperfeições; numa palavra, elevar-se moralmente o mais possível, tal é o meio de adquirir o poder de dominar os Espíritos inferiores, para os afastar. Do contrário zombarão de vossas ordens. (*O Livro dos Médiuns*, n<sup>os</sup> 252 e 279).

Todavia – indagarão – por que os Espíritos protetores não lhes ordenam que se retirem? Certamente o podem e o fazem algumas vezes; mas, permitindo a luta, também deixam o mérito da vitória. Se deixam se debatendo pessoas merecedoras de certa consideração, é para provar sua perseverança e fazer que adquiram *mais força* no bem; para elas é uma espécie de *ginástica moral*.

Eis a resposta que demos a um coronel do estado-maior austríaco, na Hungria, o Sr. P..., que nos consultava sobre uma afecção atribuída aos Espíritos maus, desculpando-se por nos intitular de amigo, embora só de nome nos conhecesse:

“O Espiritismo é o laço fraterno por excelência e tendes razão de pensar que os que partilham essa crença devem, mesmo sem se conhecerem, tratar-se como amigos. Agradeço-vos por terdes tido de mim uma boa opinião e me dardes esse título.

“Sinto-me contente por encontrar em vós um adepto sincero e devotado dessa consoladora doutrina. Mas, por isso mesmo que é consoladora, deve dar força moral e resignação para suportar as provas da vida que, no mais das vezes, são expiações. Disto a *Revista Espírita* vos fornece numerosos exemplos.

“No que respeita à moléstia que sofreis, não vejo prova evidente da influência de Espíritos maus, que vos obsidiariam. No

entanto, admitamo-la como hipótese. Só uma força moral poderia opor-se a outra força moral e esta não pode vir senão de vós. Contra um Espírito é necessário lutar de Espírito a Espírito, e é o mais forte que vencerá. Em casos semelhantes é preciso esforçar-se para adquirir a maior soma possível de superioridade pela vontade, pela energia e pelas qualidades morais, para ter o direito de lhe dizer: *Vade retro!* Assim, pois, se estiverdes neste caso, não será com o sabre de coronel que o vencereis, mas com a espada do anjo, isto é, a virtude e a prece. A espécie de pavor e angústia que experimentais nesses momentos é um sinal de fraqueza, que o Espírito aproveita. Dominai o medo e com a vontade triunfareis; dominai-o resolutamente, como o fazeis perante o inimigo e crede-me vosso mui dedicado e afeiçoado,

A. K.”

É possível que certas pessoas preferissem uma receita mais fácil para expulsar os Espíritos maus: algumas palavras a dizer, ou sinais a fazer, por exemplo, o que seria mais cômodo do que corrigir os próprios defeitos. Lamentamos bastante, mas não conhecemos processo mais eficaz para *vencer um inimigo do que ser mais forte que ele*. Quando estamos doentes, temos de nos resignar a tomar remédios, por mais amargos que sejam. Mas, também, quando tivemos a coragem de tomá-los, como nos sentimos bem e ficamos fortes! Devemos, pois, persuadir-nos de que, para alcançar tal objetivo, não há palavras sacramentais, nem fórmulas, nem talismãs, nem sinais materiais quaisquer. Os Espíritos maus se riem e muitas vezes se deleitam em indicar alguns, cuidando sempre de dizer que são infalíveis, para melhor captar a confiança daqueles de que querem abusar, porque estes, então, confiantes na virtude do processo, se entregam sem temor.

Antes de esperar dominar o Espírito mau, é preciso dominar-se a si mesmo. De todos os meios para adquirir a força de o conseguir, o mais eficaz é a vontade, secundada pela prece,

entendida a prece de coração e não de palavras, nas quais a boca participa mais que o pensamento. É necessário pedir ao seu anjo-da-guarda e aos Espíritos bons que o assistam na luta. Mas não basta lhes pedir que expulsem o Espírito mau; é preciso lembrar-se da máxima: *Ajuda-te, e o céu te ajudará* e, sobretudo, pedir-lhes a força que nos falta para vencer nossas más inclinações. Para nós tais inclinações são piores que os Espíritos maus, pois são elas que os atraem, como a corrupção atrai as aves de rapina. Orando também pelo Espírito obsessivo estamos lhe retribuindo o mal com o bem e nos mostrando melhor que ele, o que já é uma superioridade. Com perseverança, na maioria dos casos acabamos por conduzi-lo a melhores sentimentos e, de perseguidor que era, o transformamos num ser reconhecido. Em resumo, a prece fervorosa e os esforços sérios por melhorar-se são os únicos meios de afastar os Espíritos maus, que reconhecem como senhores aqueles que praticam o bem, ao passo que as fórmulas os fazem rir. A cólera e a impaciência os excitam. É preciso cansá-los, mostrando mais paciência que eles.

Acontece, porém, que em alguns casos a subjugação chega a ponto de paralisar a vontade do obsidiado, não se lhe podendo esperar nenhum concurso sério. É principalmente então que a intervenção de um terceiro se torna necessária, seja pela prece, seja pela ação magnética. Mas o poder dessa intervenção também depende do ascendente moral que o interventor possa ter sobre os Espíritos, porquanto, se não valerem mais, sua ação será estéril. Neste caso a ação magnética terá por efeito penetrar o fluido do obsidiado por um fluido melhor e liberar o fluido do Espírito mau. Ao operar, deve o magnetizador ter o duplo objetivo de opor uma força moral a outra força moral e produzir sobre o paciente uma espécie de reação química, para nos servirmos de uma comparação material, expulsando um fluido por outro fluido. Por aí, não só opera um desprendimento salutar, mas dá força aos órgãos enfraquecidos por uma longa e por vezes vigorosa opressão. Aliás, compreende-se que o poder da ação fluídica não só está na

razão da energia da vontade, mas, sobretudo, da qualidade do fluido introduzido e, conforme dissemos, tal qualidade depende da instrução e das qualidades morais do magnetizador. Daí se segue que um magnetizador comum, que agisse maquinalmente para magnetizar pura e simplesmente, produziria pouco ou nenhum efeito. É absolutamente necessário um magnetizador *espírita*, que age com conhecimento de causa, com a intenção de produzir, não o sonambulismo ou uma cura orgânica, mas os efeitos que acabamos de descrever. Além disso, é evidente que uma ação magnética dirigida nesse sentido não deixa de ser útil nos casos de obsessão ordinária, porque, então, se o magnetizador for secundado pela vontade do obsidiado, em vez de um só o Espírito será combatido por dois adversários.

É preciso dizer, também, que muitas vezes responsabilizamos os Espíritos estranhos por malefícios de que não são responsáveis. Certos estados mórbidos e certas aberrações, atribuídos a uma causa oculta, em geral são devidos exclusivamente ao Espírito do indivíduo. As contrariedades que ordinariamente concentramos em nós mesmos, sobretudo as decepções amorosas, têm levado ao cometimento de muitos atos excêntricos, atribuídos por engano à obsessão. Muitas vezes a criatura é o seu próprio obsessor.

Acrescentemos, enfim, que certas obsessões tenazes, principalmente de pessoas de mérito, por vezes fazem parte das provas a que se acham submetidas. “Por vezes, acontece mesmo que a obsessão, quando simples, seja uma tarefa imposta ao obsidiado, que deve trabalhar pela melhoria do obsessor, como um pai por um filho vicioso.”

Remetemos o leitor, para mais detalhes, a *O Livro dos Médiuns*.

Resta-nos falar da obsessão coletiva ou epidêmica e, em particular, da de Morzine; mas isto exige considerações de certa extensão para mostrar, pelos fatos, sua similitude com as obsessões

individuais. E a prova disto nós a encontramos em nossas próprias observações e nas que são consignadas nos relatórios dos médicos. Além disso, resta-nos examinar o efeito dos meios empregados e, em seguida, a ação do exorcismo e as condições nas quais este pode ser eficaz ou nulo. A amplitude desta segunda parte obriga-nos a fazê-la objeto de um artigo especial, a ser publicado no próximo número.

## O Espiritismo em Rochefort

EPISÓDIO DE VIAGEM DO SR. ALLAN KARDEC

Rochefort não é ainda um foco de Espiritismo, embora tenha alguns adeptos fervorosos e numerosos simpatizantes das novas idéias. Mas lá, menos que alhures, há coragem de opinião e muitos crentes se mantêm à margem. No dia em que ousarem mostrar-se ficaremos surpreendidos ao vê-los tão numerosos. Como apenas íamos ver algumas pessoas isoladas, esperávamos ali demorar poucas horas. Mas um passageiro, que se achava na mesma viatura, havendo nos reconhecido por um retrato que vira em Marennes, preveniu os seus amigos da nossa chegada. Então recebemos com insistência um amável convite, da parte de várias espíritas, que nos desejavam conhecer e receber instruções. Adiada nossa partida para o dia seguinte, tivemos a satisfação de passar a noite numa reunião de espíritas sinceros e dedicados.

Durante a reunião recebemos outro convite, em termos não menos obsequiosos, em nome de um alto funcionário e de várias notabilidades da cidade, manifestando o desejo de uma reunião na noite seguinte, o que ocasionou novo adiamento de nossa partida. Não teríamos mencionado tais detalhes se não fossem necessários às explicações que julgamos um dever dar a seguir, a propósito de um jornal da localidade.

Nesta última reunião fizemos, ao início da sessão, a seguinte alocação:

“Senhores,

“Embora não tivesse a intenção de passar senão algumas horas em Rochefort, o desejo que me manifestastes para esta reunião e, sobretudo, a maneira por que o convite foi feito, era muito lisonjeiro para que eu não o aceitasse. Ignoro se todas as pessoas que me honram em assistir a esta reunião são iniciadas na ciência espírita; suponho que muitos ainda são noviços na matéria; poder-se-ia até mesmo encontrar alguns que são hostis. Ora, em consequência da falsa idéia que fazem do Espiritismo aqueles que não o conhecem, ou só o conhecem imperfeitamente, poderia o resultado desta sessão causar algumas decepções aos que não encontrassem aquilo que esperavam. Devo, pois, explicar claramente a sua finalidade, para que não haja equívocos.

“Antes de tudo, devo informar quanto ao objetivo que me proponho nessas excursões. Vou unicamente visitar centros espíritas e lhes dar as instruções de que possam necessitar. Enganar-se-ia quem pensasse que vou pregar a doutrina aos incrédulos. O Espiritismo é toda uma ciência que reclama estudos sérios, como as outras ciências, e requer numerosas observações. Para expô-la minuciosamente seria necessário dar um curso regular, e um curso de Espiritismo não pode ser dado em uma ou duas aulas, como não o poderia um curso de Física ou de Astronomia. Para os que lhes não conhecem as primeiras noções, sou obrigado a enviá-los à fonte, ou seja, ao estudo das obras onde se acham todos os ensinamentos necessários e a resposta à maioria das perguntas que poderiam fazer e que, em sua maior parte, recaem sobre os princípios mais elementares. Eis por que, em minhas visitas, só me dirijo aos que já sabem, aos que precisam de ensino complementar, e não de á-bê-cê. *Jamais* vou dar o que se chama *sessões*, nem convocar o público para assistir a experiências ou demonstrações e, menos ainda, fazer exibição de Espíritos. Os que esperassem ver aqui coisa semelhante estariam completamente equivocados e devo apressar-me em lhes tirar a ilusão.

“A reunião desta noite é, de certo modo, excepcional e fora de meus hábitos. Pelos motivos que acabo de expor, não posso ter a pretensão de convencer os que rejeitassem as bases mesmas dos meus princípios. Só uma coisa desejo: é que, em falta de convicção, preservem a idéia de que o Espiritismo é uma coisa séria e digna de atenção, pois atrai o cuidado dos homens mais esclarecidos de todos os países. Que não o aceitem cegamente e sem exame, é compreensível; mas seria presunção contestar uma opinião que conta seus mais numerosos partidários na fina flor da sociedade. As pessoas sensatas dizem: Há tantas coisas novas que nos vêm surpreender e que, um século atrás, pareceriam absurdas; todos os dias presenciamos a descoberta de novas leis, a revelação de novas forças da Natureza que seria ilógico admitir que a Natureza houvesse dito a última palavra. Assim, antes de negar, é prudente estudar e observar. Para julgar uma coisa é preciso conhecê-la. A crítica só é permitida ao que fala do que sabe. Que diriam de um homem que, não sabendo música, criticasse uma ópera? daquele que, ignorando as primeiras noções de literatura, criticasse uma obra literária? Pois bem! dá-se o mesmo com a maioria dos detratores do Espiritismo: julgam com dados incompletos, muitas vezes, até, por ouvir dizer. Assim, todas as suas objeções denotam ignorância absoluta da coisa. Só lhes poderíamos responder: estudai antes de julgar.

“Como tive a honra de vos dizer, seria materialmente impossível, senhores, expor minuciosamente todos os princípios da ciência espírita. Quanto a satisfazer à curiosidade de quem quer que seja, há entre vós quem me conheça bastante para saber que jamais representei esse papel. Mas, na impossibilidade de vos expor as coisas em detalhes, talvez seja útil vos dar a conhecer o fim e as tendências. É o que me proponho fazer. Depois julgareis se o objetivo é sério e se é permitido zombar. Peço, pois, permissão para ler algumas passagens do discurso que pronunciei nas grandes reuniões de Lyon e Bordeaux. Para os que não têm do Espiritismo senão uma idéia incompleta, sem dúvida a questão principal é

hipotética, pois me dirijo a adeptos já instruídos; todavia, até que as circunstâncias vos tenham transformado a hipótese em verdade, podeis ver as suas conseqüências, assim como a natureza das instruções que dou, e por aí julgar o caráter das reuniões a que assisto.

“Posso, contudo, dizer do Espiritismo que nele nada é hipotético: de todos os princípios formulados em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*, nenhum é produto de um sistema ou de uma opinião pessoal. Todos, sem exceção, são fruto da experiência e da observação; eu não poderia reivindicar um só como produto de minha iniciativa. Aquelas obras contêm o que aprendi, e não o que criei. Ora, o que aprendi, outros podem aprender, mas, como eu, devem trabalhar. Apenas lhes poupei o esforço dos primeiros trabalhos e das primeiras pesquisas.”

Depois desse preâmbulo lemos alguns trechos do discurso pronunciado em Lyon e Bordeaux, dando, em seguida, algumas explicações, forçosamente muito sumárias, sobre os princípios fundamentais do Espiritismo, entre outras sobre a natureza dos Espíritos e os meios por que se comunicam, destacando, sobretudo, a influência moral que resulta das manifestações pela certeza da vida futura, e os efeitos desta certeza sobre a conduta na vida presente.

Pelo preâmbulo era impossível estabelecer a situação de maneira mais clara e melhor precisar o objetivo a que nos propúnhamos, a fim de evitar qualquer equívoco. Tivemos de tomar tal precaução, pois sabíamos que a assembléia estava longe de ser homogênea e inteiramente simpática. Isto naturalmente não satisfiz aos que aguardavam uma sessão do gênero das do Sr. Home. De forma polida, um dos assistentes chegou mesmo a declarar que não era exatamente o que ele esperava, no que acreditamos sem esforço, porquanto, em vez de exhibir coisas curiosas, vínhamos falar de moral. Ele pediu com tanta insistência

que déssemos provas da existência dos Espíritos que fomos forçados a lhe dizer que não os tínhamos no bolso para lhes mostrar. Creio que por pouco nos teria dito: “Procurai bem!”

Sob o pseudônimo de *Tony*, um jornalista que assistia à reunião julgou por bem noticiar o ocorrido no *Spectateur*, jornal hebdomadário de teatros, número de 12 de outubro. Começa assim:

*Atraído* pelo anúncio de um sarau espírita, apressei-me em ir ouvir um dos hierofantes mais autorizados desta *ciência*... assim classificam os adeptos o Espiritismo. Repleto, o auditório esperava com certa ansiedade a exposição meticolosa das bases desta *ciência*... pois há *ciência*. O Sr. Allan Kardec, autor de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns* iria iniciar-nos em terríveis segredos! Movido por um sentimento de curiosidade muito compreensível e que nada tinha de hostil, esperávamos sair da sessão com uma certa convicção se o professor, homem de habilidade incontestável, se tivesse dado ao trabalho de expor sua doutrina. O Sr. Allan Kardec pensou de maneira diferente, o que é lamentável. Não lhe pediam que evocasse Espíritos, mas, pelo menos, que desse explicações claras ou mesmo elementares para *facilitar a experimentação dos profanos*.

Este começo caracteriza perfeitamente alguns ouvintes, que se julgavam *espectadores*. A palavra *atraído* diz mais que o resto. O que queriam eram *explicações claras para facilitar a experimentação dos profanos*. Em outras palavras, uma receita para que cada um, ao chegar em casa, pudesse divertir-se a evocar Espíritos.

Segue-se uma tirada sobre a base da doutrina: a caridade e outras máximas que, diz ele, vêm diretamente do Cristianismo e nada ensinam de novo. Se um dia aquele senhor se der ao trabalho de ler, saberá que o Espiritismo jamais pretendeu trazer aos homens outra moral senão a do Cristo e que não se dirige aos que *praticam* em sua pureza. Mas como há muitos que não crêem em Deus, nem na alma, nem nos ensinamentos do Cristo, ou, pelo menos, duvidam, e cuja moral se resume na expressão *cada um por si*, o Espiritismo, ao provar a existência da alma e da vida futura, vem dar uma sanção prática, uma necessidade a essa moral.

Queremos mesmo acreditar que o Sr. Tony dele não precise, que tenha uma fé viva, uma religião sincera, pois toma a defesa do Cristianismo contra o Espiritismo, apesar de algumas más línguas o acusarem de ser um pouco materialista. Queremos mesmo acreditar que ele pratique a caridade como verdadeiro cristão; que, a exemplo do Cristo, seja brando e humilde; que não tenha orgulho, nem vaidade, nem ambição; que seja bom e indulgente para com todos, mesmo para com seus inimigos; numa palavra, que tenha todas as virtudes do divino modelo e, ao menos, que não aborreça os outros por isso. Prossegue ele:

Tem o Espiritismo a pretensão de evocar os Espíritos. É verdade que os Espíritos não se submetem a caprichos e exigências. Se necessário, podem revestir um corpo reconhecível, inclusive roupas e só entram em relação com os médiuns sob a condição de serem envolvidos numa camada de fluidos da mesma natureza... e por que não de natureza contrária, como na eletricidade? A *ciência* do Espiritismo não o explica.

Lede e vereis.

Não sei se os adeptos se retiraram satisfeitos. Mas, com toda a certeza os ignorantes, sinceramente desejosos de instruir-se, nada lucraram com essa sessão, a não ser que o Espiritismo não se demonstra. É culpa do professor ou o Espiritismo só desvenda os seus arcanos aos fiéis? Não vo-lo diremos... e com razão!

*Tony*

*Conclusão – O Espiritismo não se demonstra.* O Sr. Tony deveria ter explicado claramente, já que gosta tanto de explicações claras, a razão pela qual o Espiritismo é demonstrado a milhões de homens que nem são tolos nem ignorantes. Que se dê ao trabalho de estudar e saberá se, como diz, está com tanto desejo de instruir-se. Mas, desde que se julgou no dever de dar explicações ao público de uma reunião que nada tinha de pública, como se fizesse a apreciação crítica de um espetáculo aonde se vai *atraído* pelos cartazes, deveria, para ser imparcial, ter-se referido às palavras que dissemos no início.

Seja como for, estamos muito satisfeitos com a urbanidade que presidiu à reunião e aproveitamos o ensejo para dirigir ao eminente funcionário, Sr. La Maison, os nossos agradecimentos pela acolhida cheia de benevolência e de cordialidade e a iniciativa de pôr o salão à nossa disposição. Pareceu-nos útil demonstrar-lhe, assim como à elite reunida em sua casa, as tendências morais do Espiritismo e a natureza do ensino que ministramos nos centros visitados.

O Sr. Tony ignora se os adeptos ficaram satisfeitos. Em seu ponto de vista, evidentemente, a sessão não deu resultado. Quanto a nós, preferimos ter deixado em alguns ouvintes a impressão de um moralista enfadonho à idéia de um produtor de espetáculos. Um fato indubitável é que nem todos partilharam de sua opinião. Sem falar dos adeptos que lá se encontravam, e dos quais recebemos calorosos testemunhos de simpatia, citaremos dois senhores que, ao fim da sessão, perguntaram se as instruções que tínhamos lido seriam publicadas, acrescentando que haviam feito do Espiritismo uma idéia completamente falsa, mas, agora, o viam sob outro prisma, compreendiam o lado sério e útil e se propunham estudá-lo profundamente. Tivéssemos obtido somente esse resultado e nos daríamos por satisfeito. É pouco, dirá o Sr. Tony. Seja. Mas ele ignora que dois grãos que frutificam se multiplicam. Aliás, não sabemos se todos os que semeamos nessa circunstância estarão perdidos e se o vento provocado pelo Sr. Tony não terá levado alguns a uma terra fértil.

O Sr. Florentin Blanchard, livreiro de Marennes, sentiu-se no dever de responder ao artigo do Sr. Tony, por uma carta que foi inserida nas *Tablettes des deux Charentes*, edição de 25 de outubro.

Responde o Sr. Tony, assim concluindo:

“O Espiritismo superexcita o espírito dos crédulos, agrava o estado das mulheres dotadas de grande irritabilidade

nervosa, enlouquece-as ou as *mata*, caso persistam em suas aberrações.

“O Espiritismo é uma doença e, como tal, deve ser combatido. Além disso, entra no quadro das coisas... malsãs, estudadas pela higiene pública e moral.”

Aqui surpreendemos o Sr. Tony em flagrante delito de contradição. No primeiro artigo, acima referido, disse que vinha à sessão “movido por um sentimento de curiosidade muito compreensível e *que nada tinha de hostil*.” Como compreender que não fosse hostil a uma coisa que diz ser *uma doença, uma coisa malsã*, etc.?

Mais adiante diz que *esperava explicações claras ou mesmo elementares para facilitar a experimentação dos profanos*. Como podia desejar iniciar-se, ele e os profanos, na experimentação de uma coisa que, diz, pode enlouquecer e *matar*? Por que veio? Por que não convenceu os amigos a que não viessem assistir ao ensino de uma coisa tão perigosa? Por que lamenta não tenha o ensino correspondido à sua expectativa, nem sido tão completo quanto desejava? Desde que, em sua opinião, esta coisa é tão pernicioso, em vez de nos censurar por termos sido pouco explícitos, deveria ter-nos parabenizado.

Outra contradição. Já que veio à reunião para saber o que é, o que quer e o que pode o Espiritismo; uma vez que nos censura por não o termos instruído, é que não o conhecia. Ora, desde que não o estudou, como sabe que é tão perigoso? Então julgou sem conhecimento. Assim, estribado na própria autoridade, decide que uma coisa é má, malsã e pode *matar*, quando acaba de declarar que não sabe o que ela é. Isto é linguagem de um homem sério? Há críticas que se refutam por si mesmas de tal maneira que basta assinalá-las, sendo supérfluo ligar-lhes importância. Em outras circunstâncias, uma alegação como a de *matar* poderia

ensejar uma ação judicial por calúnia, pois a acusação é de extrema gravidade contra nós e contra uma classe hoje imensamente numerosa de homens honradíssimos.

Isto não é tudo. O segundo artigo foi seguido de vários outros, nos quais desenvolve sua tese.

Ora, eis o que se lê no *Spectateur* de 26 de outubro, por ocasião da primeira carta do Sr. Blanchard:

A redação do *Spectateur* recebeu de Marennes, assinada por Florentin Blanchard, uma carta em resposta ao nosso primeiro artigo do dia 12, quando este já estava composto. A redação lamenta que a exigüidade de seu formato não lhe permita abrir suas colunas para uma controvérsia sobre o Espiritismo. A pedido expresso do *Spectateur*, as *Tablettes* publicaram a carta *in-extenso*.

Reservamo-nos o direito de responder oportunamente e procuraremos não ceder, como seu autor, às inspirações de um Espírito *inconveniente*.

*Tony*

Depois de uma segunda carta do Sr. Blanchard, desta vez publicada no *Spectateur*, lê-se:

Concedemo-vos hospitalidade com prazer, Sr. Florentin Blanchard, mas seria bom que não abusasse. Vossa carta de hoje me acusa de não ter estudado o Espiritismo. Como sabeis? Por certo não quereis discutir senão com iluminados e, a esse título, não sou a pessoa mais indicada. De acordo?

Por que não respondeis, senhor, a algumas proposições que terminam minha última carta... em vez de me acusar vagamente? Esta correspondência prolongada não oferece interesse; permiti-me, pois, não a continuar.

Em breve retomarei minha série de artigos sobre o Espiritismo, mas só ocasionalmente, pois o pequeno formato do *Spectateur* não permite a publicação de longos estudos sobre este assunto pitoresco.

Por mais que façais, senhor, não levaremos os espíritas a sério nem poderemos considerar o Espiritismo como uma *ciência*.

*Tony*

Assim, está muito claro que o Sr. Tony quer atacar o Espiritismo, arrastá-lo na lama, qualificá-lo de malsão, dizer que *mata*, sem, contudo, dizer quantas pessoas matou. Mas não quer controvérsia. Seu jornal é bastante grande para os *sens* ataques, mas muito pequeno para as réplicas. Falar sozinho é mais cômodo. Ele esqueceu que, em razão da natureza e do caráter de seus ataques a lei poderia obrigá-lo à inserção de uma resposta de dupla extensão, em que pese a exigüidade de seu jornal.

Ao relatar as particularidades de nossa estada em Rochefort, quisemos mostrar que não buscamos nem solicitamos aquela reunião e, conseqüentemente, não *atraímos* ninguém para nos ouvir. Também tivemos o cuidado de dizer sem rodeios, logo de início, qual era a nossa intenção. Os que se sentissem desapontados tinham liberdade de retirar-se. Agora nós nos congratulamos pela circunstância fortuita, ou, melhor, providencial, que nos levou a ficar, pois provocou uma polêmica que apenas serve à causa do Espiritismo, dando-o a conhecer pelo que ele é: uma coisa moral, e não pelo que não quer ser: um espetáculo para satisfação dos curiosos; e por dar à crítica, uma vez mais, ocasião de mostrar a lógica de seus argumentos.

Agora, Sr. Tony, mais duas palavras, por favor. Para adiantar publicamente coisas como as que escrevestes, é preciso estar bem seguro dos fatos e deveis empenhar-vos em as provar. É muito cômodo discutir sozinho. No entanto, não pretendo estabelecer convosco nenhuma polêmica. Não tenho tempo para isto e, por outro lado, vossa folha é muito pequena para admitir a crítica e a refutação. Além disso – seja dito sem vos ofender – sua influência não se estende muito longe. Ofereço-vos coisa melhor: vinde a Paris, ante a Sociedade que presido, isto é, perante cento e

cinquenta pessoas, sustentar e provar o que adiantais. Se tendes certeza de estar com a verdade, nada deveis recear e eu vos prometo, sob palavra de honra, que, através da *Revista Espírita*, vossos argumentos e os efeitos que tiverdes produzido irão da China ao México, passando por todas as capitais da Europa.

E notai, senhor, que vos faço uma boa proposta. Não, certamente, na expectativa de vos converter, já que ficareis inteiramente livre para conservar vossas convicções. É para oferecer às vossas idéias contra o Espiritismo ocasião para uma grande publicidade. Para que saibais com quem ireis lidar, dir-vos-ei que a Sociedade se compõe de advogados, negociantes, artistas, homens de letras, cientistas, médicos, capitalistas, bons burgueses, oficiais, artesãos, príncipes, etc., tudo entremeadado de um certo número de senhoras, o que vos garante uma apresentação irrepreensível quanto à urbanidade; mas todos impregnados até a medula dos ossos, como os cinco ou seis milhões de adeptos, *desta coisa malsã que estuda a higiene pública e a moral*, e que desejareis ardentemente curar.

## O Espiritismo é Possível?

(Extraído do *Écho de Sétif*, de 18 de setembro de 1862)

Tal é o título de um artigo erudito e profundo, assinado por *Jalabert*, publicado sob a epígrafe de *Mens agitat molem*, pelo *Écho de Sétif*, um dos jornais mais acreditados da Argélia. Lamentamos que sua extensão não nos permita transcrevê-lo na íntegra, considerando-se que a interrupção prejudicaria o encadeamento dos argumentos pelos quais chega o autor, numa imensa sorites, da criação do corpo e do Espírito por Deus, à ação do Espírito sobre a matéria, depois à possibilidade das comunicações entre o Espírito livre e o encarnado. Suas deduções são tão lógicas que, a menos que se negue Deus e a alma, não se pode deixar de dizer: Não pode ser de outro modo. Só citaremos alguns trechos, principalmente a conclusão.

Quando Fulton expôs a Napoleão I seu sistema de aplicação do vapor à navegação, afirmou e prometeu provar que,

sendo seu sistema verdadeiro em teoria, não o seria menos na prática.

Que lhe respondeu Napoleão? – Que em teoria sua idéia não era realizável e não a aceitava *a priori*, desconsiderando as experiências já feitas pelo imortal mecânico, inclusive aquelas que pediu que ele fizesse e fez. O grande Imperador não mais pensou em Fulton e no seu sistema, até o dia em que o primeiro navio a vapor lhe apareceu no horizonte de Santa Helena.

Coisa singular, sobretudo num século de observações físicas, de ciências materiais e de *positivismo*. Mais uma vez, só por ser extraordinário, inaudito e novo, o *fato*, se assim se pode dizer, foi *descartado* por uma simples exceção de *direito*.

É assim que, para não falar senão das manifestações de Espíritos, que lembram a expressão do *Espiritismo*, ouvimos homens, aliás, sérios e instruídos, despejarem impropérios depois do relato consciencioso de certas manifestações vistas ou atestadas por homens inteligentes, convictos e de boa-fé. Deixai, pois, o vosso Espiritismo, as vossas manifestações e os vossos *médiuns*! O que contaís é impossível!

Impossível! Muito bem, seja! Mas de graça, ó gênios transcendentais! Permitti vos lembre o dito célebre de um Antigo e, antes de nos ferir com o vosso supremo desdém, escutai-nos.

Lede estas linhas por inteiro, séria e atentamente; e, depois, com a mão na consciência e a sinceridade nos lábios, ousai, ousai negar a possibilidade, a *racionalidade* do Espiritismo!

.....

Dizeis: Não compreendo este mistério! – Mas para nós, como para vós, o movimento material produzido pelo movimento espiritual, a matéria agitada pelo pensamento, o corpo movido pelo Espírito, é o incompreensível! Mas o incompreensível não é o

impossível. Negai esta ação, negai esta influência, negai esta comunicação! Nada de criação, nada de encarnação, nada de redenção, nada de distinção entre a alma e o corpo, nada de diversidade na unidade; nada de Deus, nada de corpo, nada de Espírito, nada de religião, nada de razão! O caos! o caos ainda e sempre ou, o que é pior, o panteísmo ou o niilismo.

Resumamos. Filosoficamente, fisiologicamente, religiosamente, o Espiritismo nem é irracional, nem absurdo.

Por conseguinte, é *possível*.

O homem *age* – sobre si mesmo por seu verbo interior ou sua vontade e por seus sentidos – sobre seus semelhantes, por seu verbo exterior ou sua palavra e, ainda, pelos sentidos. Por que, então, somente com seu verbo interior não se comunicaria com Deus, com os anjos e com os Espíritos, numa palavra, com qualquer outro ser *incorpóreo* por natureza, ou acidentalmente *não corporificado*, despreendido dos sentidos?

O Espírito é uma força *que atua* sobre a matéria, isto é, sobre um ser que com ele nada tem de comum, inerte, desprovido de inteligência. Entretanto, existem relações do Criador à criação, do anjo ao homem, como da alma do homem ao corpo do homem e, por ele, ao mundo exterior.

Todavia, o que é que impediria uma ação, uma comunicação recíproca de Espírito a Espírito? Se o Espírito se comunica com seres de natureza oposta à sua, seria inconcebível que não se pudesse comunicar com outros de idêntica natureza.

De onde viria o obstáculo? – Da distância? Mas, entre Espíritos, não existe distância. “O ar está cheio deles,” disse São Paulo, para nos fazer compreender que, de certo modo, eles gozam da ubiqüidade divina. – De uma diferença hierárquica? Mas a hierarquia não importa: desde que são Espíritos, e assim o reclama a sua natureza, agem e se comunicam entre si. – De sua estada

momentânea nos laços corporais? Mas, neste caso, salvo a diferença dos meios de comunicação, nem por isso deixa esta de ocorrer. Meu Espírito se comunica com o vosso e, como o meu, vosso Espírito habita um corpo. Com mais forte razão comunicar-se-á com um Espírito *livre* ou *liberto* da matéria, quer se trate de um Espírito de anjo, quer da alma do homem.

Há mais! Longe de qualquer impedimento, tudo, ao contrário, favorece tal comunicação; “Deus é amor” e tudo quanto tem algo de divino participa do amor. Mas o amor vive de comunicações, de *comunhões*. Porque ama o homem, Deus se comunica com ele: no Éden, pela palavra; no Sinai, pela escrita; no estábulo de Belém e no Calvário por seu Verbo encarnado; e no altar, por seu Verbo *transubstanciado* no pão e no vinho eucarísticos.<sup>58</sup>

.....

Tenhamos, pois, como certo, que as comunicações de alma a alma, de Espírito a Espírito são ainda mais possíveis que as de Espírito à matéria.

Agora, qual será o instrumento, o meio de comunicação dos seres entre si?

Entre seres corpóreos, tal comunicação se opera pelo movimento, que é como que o verbo do corpo; entre os seres puramente espirituais, pelo pensamento ou pela palavra interior, que é como que o movimento dos Espíritos; entre os seres ao mesmo tempo espirituais e corpóreos, por esse mesmo pensamento revestido de um sinal ao mesmo tempo corporal e espiritual, pela palavra exterior; entre um ser espiritual e corpóreo, de um lado, e um ser simplesmente espiritual, do outro, *via de regra* pela palavra interior, manifestando-se exteriormente por um *sinal* material.

58 N. do T.: A última afirmativa reflete o pensamento católico sobre a eucaristia, de que o autor, provavelmente, ainda se achava impregnado.

E qual será este sinal? – Todo objeto material que, num dado momento, se desloca com movimento antecipadamente convencionado, sob a única influência, direta ou indireta, da vontade ou da palavra interior do Espírito com o qual desejamos entrar em comunicação.

.....

Recomendamos este artigo ao Sr. Tony, de Rochefort. Eis um de seus confrades, que diz exatamente o contrário; um diz branco, o outro diz preto. Quem tem razão? Há entre ambos uma diferença: um sabe, o outro não sabe. Deixamos ao leitor o cuidado de pesar as duas lógicas.

O mesmo jornal publicou vários artigos sobre o assunto, de outros escritores que, como este, têm o cunho de profunda observação e de estudo sério. Deles tornaremos a falar mais tarde.

## Charles Fourier, Louis Jourdan e a Reencarnação

Extraímos a passagem seguinte de uma carta, que um amigo do autor teve a gentileza de nos enviar.

“Imagina qual não foi a minha surpresa quando, na Doutrina Espírita, da qual não fazia a menor idéia, reconheci toda a teoria de Fourier sobre a alma, a vida futura, a missão do homem na vida atual e a reencarnação das almas. Julga tu mesmo. Eis, em resumo, a teoria de Fourier:

“O homem está ligado ao planeta; vive sua vida e não a deixa nem mesmo morrendo.

“Tem duas existências: a vida atual, que Fourier compara ao sono, e a vida que chama *aromal*, outra vida, numa palavra, que é o despertar. Sua alma passa alternadamente de uma vida a outra e volta periodicamente a reencarnar na vida atual.

“Na vida atual a alma não tem o sentimento de suas vidas anteriores, mas o tem na vida aromal e vê todas as suas existências pretéritas.

“As penas na vida aromal são os temores que as almas experimentam, quando reencarnam, de serem condenadas a animar o corpo de um infeliz; porque, diz Fourier, vêem-se diariamente pessoas implorando caridade à porta dos castelos, dos quais foram proprietárias em suas vidas anteriores. E acrescenta: ‘Se os homens estivessem bem convencidos da verdade que trago ao mundo, cada um se esforçaria por trabalhar pela felicidade de todos.’

“Por esse breve extrato, caro amigo, podes ver o quanto a doutrina de Fourier e o Espiritismo se assemelham, e que, sendo falansteriano, não era difícil fazer de mim um adepto da Doutrina Espírita.”

É impossível ser mais explícito sobre o capítulo da reencarnação. Não é apenas uma idéia vaga de existências sucessivas, através de diferentes mundos: é neste que o homem renasce para se depurar e expiar. Tudo aí está: alternativas da vida espiritual, que chama *aromal*, e da vida corpórea; nesta, esquecimento momentâneo das existências anteriores e lembrança do passado durante a primeira; expiação pelas vicissitudes da vida. Seu quadro dos infelizes, vindo mendigar à porta dos castelos, de que foram donos em existências precedentes, parece calcado nas revelações dos Espíritos. Por que, então, os que hoje tanto se obstinam contra a doutrina da reencarnação, nada disseram quando Fourier dela fez uma das pedras angulares de sua teoria? É que, naquela ocasião, ela lhes parecia confinada nos falanstérios, ao passo que hoje corre o mundo, além de outras razões, facilmente compreensíveis, não havendo necessidade de as desenvolver.

Aliás, ele não foi o único a ter a intuição desta lei da Natureza. O germe dessa idéia é encontrado numa multidão de

escritores modernos. O Sr. Louis Jourdan, redator do *Siècle*, formulou-a de modo inequívoco no seu encantador opúsculo *Prières de Ludovic*, publicado pela primeira vez em 1849, por conseguinte, antes que se cogitasse do Espiritismo. Sabe-se que esse livro não é obra de ficção, mas de convicção. Entre outras coisas, nele se lê o seguinte:

“Para mim, confesso, creio firmemente, apaixonadamente, como se cria nas épocas primitivas, que cada um de nós prepara hoje a sua transformação futura, do mesmo modo que nossa existência atual é produto de existências anteriores.” O livro é inteiramente calcado nesse elemento.

Agora encaremos a questão de outro ponto de vista, para responder a uma interrogação que a respeito nos foi feita várias vezes.

*Algumas pessoas se opõem à doutrina da reencarnação porque contraria os dogmas da Igreja, daí concluindo que não deve existir. O que lhes podemos responder?*

A resposta é muito simples. A reencarnação não é um sistema que dependa dos homens adotar ou rejeitar, como se faz com um sistema político, econômico ou social. Se existe, é que está na Natureza; é uma lei inerente à Humanidade, como beber, comer e dormir; uma alternativa da vida da alma, como a vigília e o sono são alternativas da vida do corpo. Se for uma lei da Natureza, não será uma opinião favorável que a fará prevalecer, nem uma opinião contrária que a invalidará. A Terra não gira em torno do Sol porque se crê que ela o faça, mas porque obedece a uma lei; e os anátemas lançados contra esta lei não impediram que a Terra girasse. Dá-se o mesmo com a reencarnação; não será a opinião de alguns homens que os impedirá de renascerem, se tiverem de renascer. Admitindo que a reencarnação é uma lei da Natureza, suponhamos que ela não possa conciliar-se com um dogma; trata-se de saber quem tem

razão, se o dogma ou a lei. Ora, quem é o autor de uma lei da Natureza, senão Deus? No caso direi que não é a lei que contraria o dogma, mas o dogma que contraria a lei, levando-se em conta que qualquer lei da Natureza é anterior ao dogma e os homens renasciam antes que o dogma fosse estabelecido. Se houvesse incompatibilidade absoluta entre um dogma e uma lei da Natureza, isto seria prova de que o dogma é obra dos homens, que não conheciam a lei, porquanto Deus não se pode contradizer, desfazendo de um lado aquilo que fez do outro. Sustentar essa incompatibilidade é, pois, fazer o processo do dogma. Segue-se que o dogma é falso? Não, mas simplesmente pode ser susceptível de uma interpretação, como interpretaram o Gênesis quando se reconheceu que os seis dias da criação não se conciliavam com a lei da formação do globo. A religião ganhará com isso, pois encontrará menos incrédulos.

A questão é saber se existe ou não a lei da reencarnação. Para os espíritas há milhares de provas contra uma que é inútil repetir aqui. Direi apenas que o Espiritismo demonstra que a pluralidade das existências não só é possível, mas necessária, indispensável; e ele encontra a sua prova, abstração feita à revelação dos Espíritos, numa inumerável multidão de fenômenos de ordem moral, psicológica e antropológica. Tais fenômenos são *efeitos que têm uma causa*. Buscando-se a causa, nós a encontramos na reencarnação, posta em evidência pela observação daqueles fenômenos, como a presença do Sol, embora oculto pelas nuvens, é posta em evidência pela luz do dia. Para provar que a lei está errada, ou que não existe, seria preciso explicar melhor, por outros meios, tudo o que ela explica, o que ninguém ainda fez.

Antes da descoberta das propriedades da eletricidade, àquele que tivesse anunciado que, em cinco minutos, poderia corresponder-se a quinhentas léguas, não teriam faltado especialistas que lhe provassem cientificamente, pelas leis da Mecânica, que a coisa era *materialmente* impossível, pois não

conheciam outras leis. Para tanto havia necessidade da revelação de uma nova força. Foi assim com a reencarnação. É uma nova lei, que vem projetar luz sobre uma imensidão de questões obscuras e modificará profundamente todas as idéias quando for conhecida.

Assim, não é a opinião de alguns homens que prova a existência dessa lei: são os fatos. Se invocamos o seu testemunho, é para demonstrar que ela havia sido entrevista e suspeitada por outros antes do Espiritismo, que não é o seu inventor, mas que a desenvolveu e lhe deduziu as conseqüências.

## A Cabana e o Salão

### ESTUDOS DE COSTUMES ESPÍRITAS<sup>59</sup>

Dentre nossa correspondência antiga encontramos a seguinte carta, que vem a propósito do artigo precedente.

Paris, 29 de julho de 1860.

Senhor,

Tomo a liberdade de vos comunicar as reflexões sugeridas por dois fatos que observei e que, com toda justiça, poderiam ser qualificados de *estudos dos costumes espíritas*. Vereis por aí que os fenômenos morais têm valor para mim. Desde que me dediquei ao estudo do Espiritismo, parece que vejo cem vezes mais coisas que antes; tal fato, ao qual não teria dado a mínima atenção, leva-me hoje a refletir. Estou – poderia dizer – diante de um espetáculo perpétuo, no qual cada indivíduo tem o seu papel, e me oferece um enigma a decifrar. É verdade que uns são tão fáceis, quando se possui a chave admirável do Espiritismo, que não se tem grande mérito; mesmo assim despertam grande interesse, como se nos encontrássemos, graças ao Espiritismo, num país cuja língua compreendemos. A doutrina me tornou meditativo e observador,

59 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 529.

pois agora para mim tudo tem uma causa. Os mil e um fatos que noutra tempo me pareciam obra do acaso e passavam despercebidos, hoje têm a sua razão de ser e sua utilidade. Um nada, na ordem moral, atrai minha atenção e me é uma lição. Mas esquecia que é a propósito de uma lição que quero vos entreter.

Sou professor de piano. Tempos atrás, indo à casa de uma de minhas alunas, oriunda de família da alta sociedade, entrei casualmente nos aposentos destinados ao porteiro. Uma senhora com os punhos nos quadris, de físico e moral recomendáveis, ocupava um recanto. Reprendia o comportamento da filha, menina de uns quinze anos, cujas maneiras contrastavam de modo admirável com a mãe. “Que fez a Srta. Justina – perguntei, para excitar a tal ponto a vossa cólera? – Não me faleis disso, senhor; esta sirigaita não se dá conta de seus ares de duquesa! Não gosta de lavar louça; acha que lhe estraga as mãos, que cheira mal, logo ela que foi criada com as vacas, na casa da avó. Tem medo de sujar as unhas; precisa de perfume para o lenço! Olha o perfume que eu te darei!” Nisto uma vigorosa bofetada a fez recuar quatro passos. “Ah! senhor, é preciso corrigir as crianças quando imaturas. Jamais estraguei as minhas; todos os meus filhos são bons operários e é preciso que esta lambisgóia perca seus ares de grande dama.”

Depois de haver dado alguns conselhos de serenidade à mãe e de submissão à filha, subi à residência de minha aluna, sem dar importância àquela cena de família. Lá, por singular coincidência, vi a contrapartida. A mãe, mulher da sociedade, de belas maneiras, também reprendia a filha, mas por motivo completamente oposto. Dizia-lhe: “Olha os modos, Sofia; mais te assemelhas a uma cozinheira, o que não é de admirar: tua predileção particular pela cozinha faz que ali te sintas melhor que no salão. Garanto que Justina, a filha do porteiro, se envergonharia de ti. Dir-se-ia que a ama-de-leite trocou uma pela outra no berço.”

Eu jamais havia dado atenção a estas particularidades. Foi necessária a aproximação das duas cenas para que as notasse. A

Srta. Sofia, minha aluna, é uma jovem de dezoito anos, muito bonita, mas os traços têm algo de vulgar; suas maneiras são comuns e sem distinção; sua postura, seus movimentos têm algo de pesado e de maljeitoso. Eu ignorava sua inclinação pela cozinha. Pus-me, então, a comparar a pequena Justina, de instintos tão aristocráticos, e me perguntei se aí não estaria um exemplo admirável de pendores inatos, considerando-se que nas duas a educação foi impotente para os modificar. Por que uma, educada no seio da opulência e do bom-tom, tem gostos e maneiras vulgares, ao passo que a outra, desde a infância vivendo num meio mais rústico, tem o sentimento da distinção e das coisas delicadas, apesar dos corretivos da mãe, para que perca o hábito? Ó filósofos! que quereis sondar o âmago do coração humano, explicai estes fenômenos sem as existências anteriores. Para mim, é indubitável que as duas moças têm o instinto daquilo que foram. Que pensais disto, caro mestre?

Aceitai,

D...

Pensamos que a Srta. Justina, a porteira, bem poderia ser uma variante do que diz Charles Fourier: “Vêm-se todos os dias pessoas mendigando à porta dos castelos dos quais foram donos em vidas precedentes.” Quem sabe se a Srta. Justina não teria sido a senhora desse palácio, e a Srta. Sofia, a grande dama, sua porteira? Este pensamento é revoltante para certa gente que não admite a idéia de ter sido menos do que é, ou tornar-se criado de seu criado; se fosse assim, em que se tornariam as raças de puro sangue, que se teve tanto cuidado em não acasalar? Consolai-vos. O sangue dos vossos antepassados pode correr em vossas veias, porquanto o corpo procede do corpo. Quanto ao Espírito é outra coisa. Mas que fazer, se assim é? Porque um homem se aborrece com a chuva, não deixará de chover. Sem dúvida é humilhante pensar que de senhor se possa passar a servo e de rico a mendigo; mas nada é mais natural que assim seja. Basta não ser vão e

orgulhoso para não se ser rebaixado; bom e generoso para não ser reduzido a pedir aquilo que se recusou aos outros. Ser punido por aquilo em que se pecou, não é a mais justa das justiças? Sim, de grande podemos nos tornar pequenos; mas, se fomos bons, não voltaremos a ser maus. Ora, não é preferível ser um proletário honesto a um rico vicioso?

## Dissertações Espíritas

DIA DE TODOS OS SANTOS

I

(Paris, 1º de novembro de 1862 – Médiun: Sr. Perchet, Sargento da 40ª linha, Caserna do Príncipe Eugênio; membro da Sociedade de Paris)

Meu caro irmão, neste dia de comemoração dos mortos, sinto-me feliz por poder conversar contigo. Não podes imaginar quão grande é o prazer que experimento. Chama-me, pois, mais vezes, e ambos lucraremos.

Aqui, nem sempre posso vir a ti, porque, muitas vezes, estou junto às minhas irmãs, especialmente junto à minha afilhada, que quase não deixo, pois pedi a missão de ficar junto a ela. Não obstante, posso com freqüência responder ao teu apelo e será sempre uma alegria poder ajudar-te com meus conselhos.

Falemos da festa de hoje. Nesta solenidade cheia de recolhimento, que aproxima o mundo visível do invisível, há felicidade e tristeza.

Felicidade, porque une em piedoso sentimento os membros dispersos da família. Neste dia a criança se acerca de seu túmulo e encontra sua terna mãe, a regar a pedra sepulcral com suas lágrimas. O anjinho a abençoa e mistura seus votos aos pensamentos que caem, gota a gota, com as lágrimas da mãe

querida. Como são agradáveis ao Senhor estas castas preces, temperadas na fé e na saudade! Assim, subam aos pés do Eterno, como o suave perfume das flores e, do alto do céu, lance Deus um olhar de misericórdia sobre este pequeno recanto da Terra e envie um de seus Espíritos bons para consolar esta alma sofredora e lhe dizer: “Consolai-vos, boa mãe; vosso filho querido está na mansão dos bem-aventurados; ele vos ama e vos espera.”

Eu disse: dia de felicidade e o repito, porque aqueles que são levados pela religião da saudade a orar aqui pelos que se foram, sabem que não é em vão e que um dia irão rever os seres bem-amados, dos quais se acham momentaneamente separados. Dia de felicidade porque os Espíritos vêm com alegria e ternura aqueles que lhes são caros virem participar, por sua confiança em Deus, da felicidade que desfrutam.

Nesse dia de Todos os Santos, os defuntos que sofreram corajosamente todas as provas impostas em vida, que se despojaram das coisas mundanas e educaram os filhos na fé e na caridade, estes Espíritos, repito, de boa vontade vêm associar-se às preces dos que deixaram, e lhes inspiram a firme vontade de marchar constantemente pela via do bem. Crianças, parentes ou amigos, ajoelhados junto aos túmulos, experimentam uma satisfação íntima, porque têm consciência de que os restos que lá estão, sob a lápide, não passam de uma lembrança do ser que eles aprisionavam e que agora se acha liberto das misérias terrestres.

Estes, meu caro irmão, os felizes. Até amanhã!

## II

Prezado irmão: fiel à minha promessa, venho a ti. Como havia dito, ao deixar-te ontem à tarde, fui fazer uma visita ao cemitério. Lá examinei atentamente os vários Espíritos sofredores. É de causar pena. Esse espetáculo lamentável arrancaria lágrimas ao mais duro coração.

No entanto, em bom número essas almas são aliviadas pelos vivos e pela assistência dos Espíritos bons, sobretudo quando se arrependem das faltas terrenas e fazem esforços por se despojarem de suas imperfeições, causa única de seus sofrimentos. Então compreendem a sabedoria, a bondade, a grandeza de Deus, e pedem o favor de novas provas para satisfazerem à justiça divina, expiar e reparar suas faltas e conquistar um futuro melhor.

Orai, pois, meus caros amigos, de todo o coração, por esses Espíritos arrependidos que acabam de ser esclarecidos por uma fagulha de luz. Até então só haviam acreditado nas delícias eternas, porque, em sua punição e para cúmulo de seus tormentos, não lhes era permitido esperar. Imaginai sua alegria quando o véu das trevas finalmente se rompeu e o anjo do Senhor lhes abriu os olhos, feridos de cegueira, à luz da fé. São ditosos, mas, em geral, não têm ilusões quanto ao futuro; muitos, até, nem sabem que têm provas terríveis a sofrer; assim reclamam insistentemente as preces dos vivos e a assistência dos Espíritos bons, a fim de poderem suportar com resignação a tarefa difícil que lhes será imposta.

Digo-vos ainda, e nunca seria demais repetir, para bem vos convencer desta grande verdade: orai do fundo do coração por todos os Espíritos que sofrem, sem distinção de casta nem de seita, porque todos os homens são irmãos e se devem mútuo apoio.

Espíritas fervorosos, sobretudo vós, que conheceis a situação dos Espíritos sofredores e sabeis apreciar as fases da vida; vós que conheceis as dificuldades que eles devem superar, vinde em seu auxílio. É uma bela caridade orar pelos pobres irmãos desconhecidos, muitas vezes por todos esquecidos, e cujo reconhecimento não sabeis avaliar, quando se vêem assistidos. Para eles a prece é qual orvalho, a irrigar a terra calcinada pelo calor. Figurai um desconhecido em noite escura, caído nalgum cruzamento de estrada desconhecida; os pés estão feridos pela longa caminhada; sente o agulhão da fome e uma sede ardente; aos

sofrimentos físicos juntam-se todas as torturas morais; o desespero está a dois passos; em vão solta aos quatro ventos lancinantes gritos: nem um eco amigo responde ao apelo desesperado. Pois bem! imaginai que no instante em que essa infeliz criatura chegou aos derradeiros limites do sofrimento, mão compassiva vem pousar suavemente em seu ombro e lhe trazer o socorro que sua situação reclama. Imaginai, então, se possível, o êxtase desse homem e tereis uma pálida idéia da felicidade que a prece proporciona aos Espíritos infelizes, que suportam as angústias da punição e do isolamento. Eles vos serão eternamente agradecidos, porque, ficai certos, no mundo dos Espíritos não há ingratos como na vossa Terra.

Eu disse que Todos os Santos é uma solenidade marcada de tristeza; realmente uma grande tristeza, pois também chama a atenção para a classe desses Espíritos que, durante a existência terrena, se consagraram ao materialismo, ao egoísmo; que não quiseram reconhecer outros deuses senão as miseráveis vaidades de seu mundo inferior; que não temeram empregar todos os meios ilícitos para aumentar suas riquezas e, muitas vezes, atirar gente honesta na miséria. Entre esses também se acham os que interromperam a existência por morte violenta; os que, na vida, se arrastaram na lama pestilenta da impureza.

Para todos esses, meu caro irmão, quantos tormentos terríveis! É como diz a Escritura: Haverá choro e ranger de dentes. Serão mergulhados no abismo profundo das trevas. Esses infelizes são vulgarmente chamados *os danados* e, embora seja mais exato chamá-los *os punidos*, nem por isso sofrem menos as torturas, tão terríveis quanto as atribuídas aos danados em meio às chamas. Envolvidos nas trevas mais espessas de um abismo que lhes parece insondável, posto não circunscrito, como vos ensinam, experimentam sofrimentos morais indescritíveis, até abrirem o coração ao arrependimento.

Por vezes, alguns permanecem durante séculos nesse estado, sem que lhes seja possível prever o fim de seus tormentos. Assim, se julgam condenados para a eternidade. Durante muito tempo essa opinião errônea gozou de crédito entre vós. É um erro grave, porque, mais cedo ou mais tarde, esses Espíritos se abrem ao arrependimento e, então, Deus, tomado de piedade por suas desgraças, lhes envia um anjo, que lhes dirige palavras consoladoras e lhes abre um caminho tanto mais largo quanto mais para eles tiverem sido feitas preces ao Eterno.

Como vês, irmão, as preces são sempre úteis aos culpados; e se elas não alteram os decretos imutáveis de Deus, nem por isso dão menos alívio aos Espíritos sofredores, trazendo-lhes o doce pensamento de ainda estarem na lembrança de algumas almas compassivas. Assim o prisioneiro sente o coração saltar de alegria quando, através das grades, percebe o rosto de algum parente ou amigo que não o esqueceu na sua desventura.

Se o Espírito sofredor for muito endurecido, muito material, para que a prece alcance a sua alma, um Espírito puro a recolhe como um aroma precioso e a deposita nas ânforas celestes, até o dia em que puderem servir ao culpado.

Para que a prece dê frutos, não basta balbuciar as palavras, como faz a maioria dos homens. A única prece agradável ao Senhor é a que parte do coração, a única que é levada em conta e alivia os Espíritos que sofrem.

A irmã que te ama,

*Margarida*

P. [Feita na Sociedade] – Que pensar da seguinte passagem desta comunicação: “Ficai certos de que no mundo dos Espíritos não há ingratos como na vossa Terra?” Sendo as almas dos homens Espíritos encarnados, trazem seus vícios e virtudes; as

imperfeições dos homens vêm das imperfeições do Espírito, como suas qualidades procedem das qualidades adquiridas. Desse modo, e desde que se encontram nos Espíritos os vícios mais ignóbeis, não se compreenderia que não se pudesse deparar com a ingratidão, tantas vezes encontrada na Terra.

*Resp.* – [Pelo Sr. Perché] – Sem dúvida há ingratos no mundo dos Espíritos e podeis colocar em primeiro lugar os Espíritos obsessores e os perniciosos, que envidam todos os esforços por vos inculcar pensamentos perversos, a despeito do bem que lhes façais, orando por eles. Entretanto, sua ingratidão é apenas momentânea, porque, para eles, a hora do arrependimento soa mais cedo ou mais tarde. Então seus olhos se abrem à luz e seus corações serão eternamente reconhecidos. Na Terra não é assim, e a cada passo encontrareis homens que, a despeito de todo o bem que lhes façais, não vos pagam, até o fim, senão pela mais perversa ingratidão.

A passagem que ensejou esta observação só é obscura porque lhe falta desenvolvimento. Eu só encarava a questão do ponto de vista dos Espíritos abertos ao arrependimento e, por isso mesmo, aptos a colher imediatamente os frutos da prece. Comprometidos com o bom caminho, e não podendo retroceder, é claro que neles não poderia extinguir-se o reconhecimento.

A fim de não haver confusão, escrevi assim a frase que suscitou a observação: “Eles vos serão eternamente reconhecidos, porque, não duvideis, entre os Espíritos, aqueles a quem tiverdes levado ao bom caminho não poderiam ser ingratos.”

*Margarida*

*Observação* – Estas duas comunicações, como muitas outras de moralidade não menos elevada, foram recebidas pelo Sr. Perché, em sua caserna, onde conta vários camaradas que partilham de suas crenças espíritas e a estas conformam sua

conduta. Perguntaremos aos detratores do Espiritismo se esses militares receberiam melhores conselhos de moral no cabaré. Se for esta a linguagem de Satã, ele se fez eremita! É verdade: já está tão velho!

Na mesma ocasião perguntaremos ao Sr. Tony – o espirituoso e, sobretudo, muito lógico jornalista de Rochefort, que acredita que o Espiritismo é um dos males saídos da caixa de Pandora e uma dessas coisas malsãs, estudadas pela *higiene pública* e a moral – o que há de malsão e de contrário à higiene nesta comunicação e se esses militares perderam a moralidade e a saúde, ao renunciarem aos prazeres em favor da prece.

## Dispensário Magnético

FUNDADO PELO SR. CANELLE – 11,  
RUE NEUVE-DES-MARTYRS – PARIS

O primeiro artigo deste número destaca as relações existentes entre o magnetismo e o Espiritismo e mostra o auxílio que, em numerosos casos, pode o magnetizador obter dos conhecimentos espíritas, casos nos quais a idéia materialista só poderia paralisar a influência salutar. Estas relações serão evidenciadas mais ainda no segundo artigo, a ser publicado no próximo número. Levando ao conhecimento dos leitores a formação do estabelecimento dirigido pelo Sr. Canelle, que conhecemos pessoalmente e de longa data como magnetizador experimentado, não só espiritualista, mas sinceramente espírita, sentimo-nos feliz ao lhe dar este testemunho de nossa simpatia. Os tratamentos são conduzidos por ele e por vários médicos magnetizadores. Sessões especiais são consagradas às magnetizações gratuitas. Para mais amplas informações vejam os prospectos.

## Resposta a um Senhor de Bordeaux

Um senhor de Bordeaux escreveu-nos uma carta, aliás muito polida, contendo uma crítica do ponto de vista religioso ao artigo publicado no número de novembro sobre a *Origem da linguagem*, o qual, diga-se de passagem, encontrou numerosos admiradores. Como a carta não traz assinatura nem endereço, fizemos com ela o que se deve fazer com toda carta anônima: lançamos no fogo.

### Errata

A propósito do artigo publicado no último número – *Um remédio dado pelos Espíritos* – foi omitido que, antes da aplicação do unguento, se deve lavar cuidadosamente a ferida com água de malva ou outra loção calmante.

*Allan Kardec*